

ENSINA-ME A VOAR SOBRE OS TELHADOS

JOÃO TORDO



COMPANHIA DAS LETRAS

Comecei a escrever *Ensina-me a voar sobre os telhados* em Maio de 2016, quando, a propósito de um convite pouco comum, esbocei um conto situado num apartamento da Rua da Arriaga, em Lisboa. Chamava-se *Ludmila & Saburo*. Havia muito que me apetecia escrever uma história de inspiração oriental e aproveitei a oportunidade; acabaria por ser um dos capítulos centrais do livro. Embora o conto seja uma história de amor — entre uma empregada doméstica moldava e um embaixador japonês que nunca está em casa (o desafio foi esse, fazer duas personagens apaixonarem-se sem nunca se terem visto, na ausência, por intermédio de gestos e de objectos), cedo percebi que não me podia ficar por aí. Tinha estado na China alguns anos antes, mais propriamente em Xangai, onde conheci um homem japonês que, durante um jantar, me confessou, embriagado, que descendia de uma linhagem de praticantes de levitação — que o seu trisavô pairara

sobre a cordilheira dos Himalaias. E, de repente, as duas histórias uniram-se. Nunca sabemos de onde nos chegam estas associações e, no que diz respeito ao meu ofício, aprendi a não fazer demasiadas perguntas nem a sabotar as ligações inesperadas da imaginação. Comecei, assim, a desenhar a história dos Tsukuda no Japão do princípio do século XX e, ao mesmo tempo, a desenhar uma história na Lisboa de hoje, sobre um pai e um filho — o primeiro, um alcoólico em recuperação; o segundo, um rapaz surdo e demasiado perspicaz. Sem reparar que o fazia, as duas narrativas funcionam como espelhos; também sem saber dizer porquê, imaginei que grande parte da acção lisboeta decorria no Liceu Camões. Porquê ali? É outro dos «mistérios» da literatura que também deixei de interrogar: o livro acontece onde quer, quando quer, e o mais que podemos fazer é tentar fazer-lhe a vontade. Espero que seja uma surpresa para quem o lê tanto como foi para mim escrevê-lo.

10. LUDMILA & SABURO
(1985)

Perdão, disse a mulher, *eu não saber ligar luz*, e foi então que o homem, acabado de acordar (tinha nos olhos a película com que as pessoas regressam dos sonhos), atravessou o corredor e carregou num botão. As lâmpadas zuniram, as luzes acenderam-se. A mulher sorriu, parecia tímida, mas era apenas o cansaço, levantara-se de madrugada, tão cedo. O vizinho do embaixador apertou o roupão com um gesto delicado e perguntou-lhe: Posso ajudá-la?. E ela respondeu: *Estou procurar casa senhor Tsukuda*. Ah, é no andar de cima. A mulher pediu desculpa, agradeceu, fez uma espécie de vénia despropositada, afinal o homem era alto, tão bonito e elegante, trinta anos, cabelo curto, prematuramente grisalho, mas o que denunciava o seu estatuto era o pijama de linho. Pese embora a escassa educação, Ludmila sabia perfeitamente que o que distinguiu um homem de outro eram os trajes; bastava-lhe pensar nos príncipes e nas rainhas

de outrora, e na plebe que os venerava, os porcos e mal-vestidos.

Subiu outro andar. Que silêncio, pensou, na sua língua. Como era agradável o cheiro das escadas de madeira antiga, encerada, só gente de bem e afortunada podia viver num lugar assim. Atravessou o patamar e, ao deter-se junto da porta do embaixador, vasculhou a carteira pela chave, encontrou-a, enfim meteu-a na ranhura e, ao sentir o deslizar da porta, fechou os olhos por um momento. Deu um passo em frente e entrou no apartamento. Ao abrir os olhos descobriu que, no hall, havia um espelho de corpo inteiro ao lado de um cabide onde repousava um casaco de homem em fazenda castanha, com botões pretos. Apeteceu-lhe sorrir, e sorriu; reparou, como era habitual, na pequena falha que tinha entre os dentes da frente, era uma coisa de criança, a avó de Orhei costumava dizer-lhe que servia para a alma respirar. Ludmila fechou a porta e avançou para a sala. A luz nascia devagar do outro lado do rio, mas já abençoava o edifício. O tecto era alto, o espaço amplo, com sofás rasos, de ângulos rectos, e uma mesa central onde repousava um requintado serviço de chá. Escutou o eco

dos seus passos, o ranger da sola dos ténis. Numa das paredes havia três quadros; em cada um deles, sobre um fundo branco, uma letra do alfabeto japonês. Junto da grande janela, um *bonsai* de folhas vermelhas, que repousava numa mesinha de mogno. Lá fora, Lisboa. Mas o que captou o olhar de Ludmila foi a longuíssima espada pendurada na parede. Fascinada, reparou na ligeira curvatura do sabre, no cabo com gravuras de samurais, camponeses e dragões. *Sabie*, disse Ludmila, e, incauta, levou o dedo indicador da mão direita ao brilho da lâmina e correu-lhe o fio, sem reparar que, nesse pequeno gesto, já caíam gotas de sangue no chão de madeira encerada.

O senhor Tsukuda tem doze roupões, seis deles em seda, os outros seis em linho e algodão turco. Tem dez pares de sapatos escuros e dois pares de ténis de corrida; sete gravatas, nove camisas brancas e cinco pares de calças. A avaliar pelo tamanho destas roupas no armário, que é de portas de correr, embutido na parede do espaçoso quarto, o embaixador é um homem de tamanho mediano, nem alto nem baixo, e consideravelmente

magro, conclui Ludmila. Nunca lhe ouviu a voz. Apenas falou com uma mulher portuguesa, algo rude, impaciente, que requisitou os seus serviços por um tempo prolongado. *Eu não poder só dois dias*, disse Ludmila, e a mulher respondeu, Pagamos-lhe os dias todos, ao que, incrédula, ripostou, *Verdade não poder ser*, e a mulher terminou dizendo: Venha aqui buscar a chave. Dois dias era um dia a mais do que aquela casa precisava. A cama estava feita, a roupa lavada, os únicos indícios de alguém ali ter estado eram a chávena e o prato dentro da pia (ambos lavados, mas fora do sítio) e um par de pantufas que jaziam numa esteira japonesa entre o sofá da sala e o estreitíssimo ecrã de televisão que, àquela hora, com o sol abrindo por entre as nuvens, reflectia o esplendor da arma. Ludmila pegou nas pantufas e não pôde deixar de rir: dois peixes azuis, em feltro, com barbatanas amarelas. Ao pegar-lhes, levando-as para o quarto, lembrou-se da menina, e isso trouxe-lhe um bocadinho de tristeza, mas não conseguiu deixar de sorrir ao pensar no embaixador adormecido no sofá, tarde na noite, com os peixes enfiados nos pés e a cara de japonês estremunhado de sono.

Sushi, pensou. Os japoneses gostam de peixe cru, algas, molho de soja, saké, gengibre e líchias. Atrofiam as árvores para elas caberem dentro de casa; enfiam espadas na barriga quando já não conseguem suportar a dor do arrependimento, ou da desonra. São um povo estranho, e não havia qualquer razão para ela, que era de Leste, mas não tanto como os japoneses, se compadecer daquela vida de luxo. Num afã de deixar tudo pronto, passou o espanador por todos os móveis, aspirou todas as divisões, deitou um pouco de água no *bonsai*, mudou a roupa da cama e, no final, tendo verificado que no apartamento inteiro não havia sombra de pó, nem de algodão, nem nada fora do lugar (reposicionou três vezes a escova de dentes), saiu do apartamento e bateu com a porta, furiosa com o atrevimento do senhor Tsukuda. Nessa noite, deitada ao lado de Yaroslav, que ressonava e não a deixava adormecer, deu por si a chorar. Que estranho as lágrimas serem salgadas, pensou Ludmila, deviam ser doces, porque doce é também a razão pela qual eu choro. A menina, que hoje seria quase crescida, teria sido uma grande ajuda no trabalho. Uma coisa era limpar o apartamento da Rua da Arriaga, que missão tão fácil,

que sítio tão bonito; outra, muito diferente, era limpar a escola onde trabalhou durante um ano, desentupir as sanitas e esvaziar os grandes caixotes do lixo cheios de porcaria, teria sido útil, tão útil, ter tido a menina consigo, mas quem a tinha era o silêncio, a noite. Assim, quando Yaroslav se voltou na cama, o estertor abrandou e, finalmente, Ludmila pôde sonhar. Corria por um confuso jardim de arbustos minuciosamente podados, que formavam um labirinto. Fugia, perseguida por um homem que empunhava um sabre mas que sorria muito, era o embaixador, na sua esteira esvoaçava um roupão de seda com um dragão pintado.

Senhor Tsukuda, não há razão nenhuma para desconfiar desta mulher. É trabalhadora, apresenta-se a horas, prima pela discrição. Repare como é bela: os olhos meigos, os suaves ângulos do rosto, o espaço entre os dentes. Está disposta a trabalhar e a ser sua, exclusivamente sua, durante o tempo que for preciso, irá passar-lhe as camisas a ferro e limpar-lhe o pó das mobílias e nunca pronunciará uma única palavra que o senhor

consiga entender, porque foi instruída por mim a não se dirigir ao senhor embaixador, que, provavelmente, nunca chegará a conhecer. Caso precise de falar, indiquei-lhe que o faça na sua própria língua, em voz baixa, um murmúrio, um queixume solitário, e mais nada. Isto terá sido, mais coisa menos coisa, o que a senhora impaciente da agência de empregadas domésticas disse ao embaixador. Mas Ludmila não precisa de falar, porque o senhor Tsukuda nunca está em casa. Na quinta-feira da primeira semana entrou no apartamento e dirigiu-se logo à varanda, havia que regar as plantas e depois encerar as madeiras, era um trabalho moroso, de paciência, mas que recompensas trazia! O dia estava quente. Que sorte poder estar ali, ter um lugar privado, só seu, com uma vista magnífica sobre o rio de águas turvas. Quando regressou à sala reparou que, em cima da mesa rasa, ao lado do serviço de chá, havia uma flor. Não, não era uma flor; eram várias, num ramo, flores-de-cerejeira, *floare de cires*, *sakura*, e, ao lado das flores, em cima de um guardanapo, um penso rápido, daqueles mais estreitos, que serviam para um corte superficial ou para um dedo levemente mutilado pela lâmina de um sabre. Ludmila sentou-se

no sofá e, sentindo que a respiração fluía dentro de si como o vento a descer das falésias, abriu a embalagem do penso e colocou-o por cima do corte que, entretanto, se transformara numa levíssima cicatriz.

As terças e quintas-feiras passaram a ser dias diferentes de um dia de trabalho. Normalmente, nos dias de trabalho, Ludmila levantava-se às cinco e meia e, procurando não acordar Yaroslav, vestia-se, comia pão e apanhava o primeiro autocarro em direcção a Lisboa. Sentia os ossos perpassados de náusea, a cabeça pesava-lhe toneladas, e nada servia para mitigar a sensação de que, por mais que trabalhasse na vida, os dias nunca se tornariam mais fáceis. Pois isso mudara. Os dias de trabalho, que eram dois, viam-na levantar-se ainda antes do despertador tocar e, com uma alegria dissimulada, apanhar o mesmo autocarro de sempre, atravessando, com a perspectiva de uma felicidade vindoura, as mesmas ruas de sempre, parando no café para beber um galão e comer uma torrada enquanto, dentro de si, crescia a tremura de descobrir o que o senhor Tsukuda lhe deixara

no apartamento. As gotas de sangue produziram flores e um penso rápido; um brinco voluntariamente perdido tinha dado origem a um leque com imagens do bordo japonês, que Ludmila guardara, recolhido, na carteira; e, na semana anterior, uma madeixa de cabelo, estrategicamente colocada no parapeito da janela que enfrentava o Museu de Arte Antiga, teve como retorno, delicadamente dobrado dentro de uma caixa de papelão com uma fita vermelha, um quimono em cetim, a peça mais bonita de vestuário em que ela algum dia pegara, com imagens de um guerreiro perseguindo um dragão por entre cálices de flores. Distraída, Ludmila subiu as escadas do prédio e, ao aproximar-se da porta do apartamento, esta abriu-se sozinha, e o homem do cabelo grisalho, o cônsul, surgiu e disse-lhe Bom dia, ao que ela respondeu, assustada, *Desculpe, eu andar errado, subir*. O homem fez um sorriso generoso e ficou a observá-la enquanto Ludmila subia mais um andar e, depois, ouviu-lhe os passos enquanto ela avançava pelo patamar do apartamento do embaixador com as chaves na mão direita, que tremia ligeiramente.

Perdão, disse a mulher, enquanto se despia, mas não falava com ninguém, falava consigo mesma, o apartamento parecia aguardá-la numa vibração expectante. Ludmila farejou o ar como se detectasse alguma coisa, um incomum vestígio, e aproximou-se do casaco de fazenda pendurado no cabide. Encostou as narinas ao tecido; a água de colónia do embaixador na peça de vestuário. Vestiu o quimono de cetim, abriu o leque e caminhou pelo hall. O espelho de corpo inteiro estava, invulgarmente, colocado no meio da sala, que a luz da manhã gracejava com um jorro que dourava o apartamento. O *bonsai* respirava, a varanda exultava com a chegada do dia, as buganvílias espriavam-se, satisfeitas, sobre os muros da cidade. Ao lado do espelho havia uma tigela em porcelana, com água; ao lado da tigela, pó de arroz e um pincel com cabo de bambu. Ludmila sentou-se em *seiza*, repousando as nádegas nos calcanhares. Mergulhou o dedo na tigela de água, depois no pó de arroz, e levou-o ao rosto. No espelho viu-se a desenhar um risco branco na pele, da bochecha direita até ao queixo. Gostou do que viu e, a seguir, preparou a mistura, despejando o pó de arroz na água e mexendo

devagarinho com o pincel. Alguma coisa zunia baixinho, era o frigorífico, concluiu, e, semicerrando os olhos, começou a pintar a cara de branco em pinceladas longas e vagarosas. Imaginou, a certa altura, que a menina ali estava; que, calçando os peixes, se colocara atrás de si e lhe penteava o cabelo em *shimada*, as mãozinhas dela separando madeixas e manobrado ganchos e travessões. Quando terminou, Ludmila deixou o pincel mergulhado na tigela. Olhou para o espelho e disse: Que bonita, pareço de porcelana. Pegou no leque, abriu-o e abanou-o devagar. Foi nesse momento que ouviu a chave entrar na fechadura da porta. O coração deteve-se por um instante, ao mesmo tempo que o trinco cedia e a madeira começava a ranger. Soergueu-se uns centímetros, mas depois pensou: Senhor Tsukuda. E deixou repousar novamente as nádegas, fechando os olhos, enquanto os passos dele avançavam pelo corredor.

